

Comunicação e relações étnico-raciais: mapeamento de estudos sobre racismo, mulher negra e religiosidade na Intercom de 1998 a 2022¹

Márcia Guena²

Céres Santos³

Andrea Rosendo da Silva⁴

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

Esta pesquisa dá continuidade a um levantamento anterior (2022) no qual quantificamos a produção sobre a temática racial nos anais dos congressos da Intercom, registrados no período de 1998 a 2021. Agora, realizamos uma Análise de Conteúdo, segundo orientação de Bardin (1979), dos títulos e resumos com a finalidade de analisar as temáticas raciais predominantes discutidas, entre 1998 e 2022, com o objetivo de identificar as principais áreas de interesse dos/as pesquisadores/as que estudam sobre aspectos étnico-raciais na Comunicação. também recorremos ao Mapeamento Sistemático (Falbo, S/D) para a localização on-line dos dados, usando palavras-chaves. Essa pesquisa nos concede elementos para reflexões sobre novas epistemologias, em um contexto decolonial.

Palavras-chaves: Congressos do intercom; Análise de Conteúdo; raça e racismo; epistemologias; decolonial.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Doutora em História (UMC/Espanha), Mestre em Integração na América Latina (USP), e professora de Jornalismo em Múltiplos e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus III, Juazeiro/BA, marciaguena@gmail.com).

³ Jornalista. Doutora em Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP), Mestre pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e docente no curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiárido, da UNEB, campus de Juazeiro/BA. ceresantos3@gmail.com.

⁴ Jornalista. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). dearosendo@gmail.com.

Introdução

Nesta pesquisa divulgamos e analisamos os dados quanti qualitativos de uma pesquisa que identificou a quantidade e as temáticas raciais predominantes discutidas, entre 1998 e 2022, sobre a temática racial nos anais dos congressos da Intercom, na intenção de identificar as principais áreas de interesse dos/as pesquisadores/as.

Nesse sentido, foram localizados 392 artigos, distribuídos em 100 subitens temáticos sendo racismo o tema mais recorrente, com 43 publicações, o que corresponde a 10,6% do total dos artigos; mulher, negra, o 2º colocado, com 37 artigos (10%) e em 3º lugar, religiosidade, com 32 artigos (8,6%). Ou seja, segmentos que na sociedade brasileira, são os que apresentam alto grau de rejeição, em relação a outros sub temas do racismo.

Os dados levantados apontam para um impacto positivo nas mudanças na produção do conhecimento, acreditamos que partir dos novos caminhos, sedimentados, por exemplo, com a adoção, no Brasil, das Políticas Afirmativas, com cotas para ampliar o acesso de estudantes negros/as no ensino superior e na Pós-Graduação. Aliás, D'Andrea (2020) trata da produção acadêmica a partir da presença dos/as periféricos/as no Ensino Superior. O fato, para o autor, rompe com a histórica necessidade de mediadores. “Por uma série de circunstâncias, essa geração passou a prescindir de mediadores na política, na academia, no jornalismo, na arte, entre outras esferas, passando ela mesma a se representar (D'ANDREA, 2020, p. 13).

Essa mudança reflete a importância da saída da população negra do local de objeto de estudo para ser sujeito de estudos sobre si mesmo. Collins (2016) ressalta que essa mudança de lugar de fala altera a produção dos símbolos e valores por meio da autodefinição e autoavaliação, principalmente, às mulheres negras, que podem alterar representações preconceituosas. Collins entende que a autodefinição e a autoavaliação das mulheres negras funcionam como um contraponto ao que é registrado sobre elas, do que é produzido por elas.

Decolonialidade, pensamento Afrodiaspórico e racismo estrutural

O Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), um movimento epistemológico que reuniu pensadores latino-americanos nos anos de 1990, foi um dos precursores da formulação da Epistemologia Decolonial ou Decolonialidade. Segundo Luciana Ballestrin (2013), a proposta dos intelectuais era criar uma ciência que travasse um diálogo entre os saberes do Sul Global e as epistemologias nortecêntricas. O grupo teceu críticas às epistemologias ocidentais, refletiu, entre outros, sobre o conceito de pós-colonial e criou a noção de “giro decolonial”, a qual fornece uma ideia de mudança, de reviravolta na tradição crítica do pensamento latino-americano. Alicerçada como forma epistêmica, teórica e política, a Decolonialidade visa compreender e atuar em um mundo marcado pela permanência de uma colonialidade global. (BALLESTRIN, 2013). A colonialidade é um conceito elaborado por Anibal Quijano que reflete sobre a categoria raça no sistema capitalista.

Colonialidade do poder é um conceito que dá conta de um dos elementos fundamentais do atual padrão de poder, a classificação social básica e universal da população do planeta em torno da ideia de “raça”. Essa ideia e a classificação social e baseada nela (ou “racista”) foram originadas há 500 anos junto com América, Europa e o capitalismo. São a mais profunda e perdurável expressão da dominação colonial e foram impostas sobre toda a população do problema no curso da expansão do colonialismo europeu. Desde então, no atual padrão mundial de poder, impregnam todas e cada uma das áreas de existência social e constituem a mais profunda e eficaz forma de dominação social, material e intersubjetiva e são, por isso mesmo, a base intersubjetividade mais universal de dominação política dentro do atual padrão de poder (QUIJANO, 2002, p 01).

Ramon Grosfoguel (2016), intelectual vinculado à Decolonialidade e organizador do livro *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*, questiona a concepção de colonialidade, reconhecendo que autores e autoras negros e negras formularam conceitos semelhantes ao de colonialidade do poder bem antes de Quijano ter começado a utilizá-la nos anos 1990.

A concepção de mundo da colonialidade do poder, na qual a ideia de raça ou de racismo é um instrumento de dominação ou um princípio

organizador do capitalismo mundial e de todas as relações de dominação (intersubjetivas, identitárias, sexuais, laborais, de autoridade política, pedagógicas, linguísticas, espaciais, etc.) da modernidade, tem sido articulada bem antes de Quijano por outros autores e autoras, utilizando outros conceitos: capitalismo racial (ROBISON, 1981), racismo como infraestrutura (FANON, 1952, 1961), ocidentóxico (AHMAD, 1984), colonialismo interno (CASANOVA, 1965; BARRERA, 1979; RIVERA CUSICANQUI, 1993), gênero como privilégio da mulher branca ou mulheres negras vistas como fêmeas e não como mulheres (DAVIS, 1981), supremacia branca (DU BOIS, 1935; MALCOM X, 1965), relação reducionista entre raça e classe (CÉSAIRE, 1950; 1957), ego conquiro (DUSSEL, 1994), etc. (...) O assunto importante a reter aqui é que a modernidade não existe sem a colonialidade; elas são duas caras da mesma moeda, e o racismo organiza a partir de dentro todas as relações sociais e hierarquias de dominação da modernidade. (GROSFUGUEL, 2018, p. 60).

Com essa argumentação, Grosfoguel (2018) evidencia que mesmo sendo semelhante e anterior a Quijano, as produções de conhecimento de intelectuais negros e negras foram colocadas de lado, mas que a produção de um homem branco do Sul Global problematizando a questão da raça foi validada. Observando esse fenômeno, Joaze Bernardino-Costa (2019) defende a existência de uma aproximação entre a Decolonialidade e o pensamento Afrodiaspórico. Segundo este autor, a Decolonialidade, como projeto acadêmico-político, tem suas vantagens por esclarecer e sistematizar historicamente a colonialidade do poder, do ser e do saber e, por conseguinte, pensar estratégias para a transformação da realidade. Entretanto, afirma que, na tradição acadêmica brasileira, a perspectiva decolonial pode invisibilizar o lócus de enunciação negro e afastar a dimensão política (lutas políticas de resistência e reexistência) das populações afrodiaspóricas e africanas, indígenas e terceiro-mundistas.

O descolamento do projeto decolonial da luta política das populações negras, caso se concretizasse, seria uma traição à própria decolonialidade. (...) Nesse sentido, ao argumentarmos em favor da decolonialidade como um projeto político-acadêmico que está inscrito nos mais de 500 anos de luta das populações africanas (NDLOVU-GATSHENI; ZONDI, 2016) e das populações afrodiaspóricas, é preciso trazer para o primeiro plano a luta política das mulheres negras, dos quilombolas, dos diversos movimentos negros, do povo de santo, dos jovens da periferia, da estética e arte negra, bem como de uma enormidade de ativistas e intelectuais, tais como: Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, José do Patrocínio, Abdias do Nascimento, Guerreiro Ramos, Lélia Gonzalez, Beatriz do Nascimento, Eduardo de Oliveira e Oliveira, Clóvis Moura, Sueli Carneiro, Frantz Fanon, Césaire, Du Bois, C. L. R. James, Oliver Cox,

Angela Y. Davis, bell hooks, Patricia Hill Collins,
etc.(BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES:
GROSGOUEL, 2018, p.11)

Considerando a declaração de Quijano de que a classificação social básica e universal da população do planeta em torno da ideia de raça é racista, como mencionado na primeira citação, trouxemos as contribuições de Dennis de Oliveira (2020), afrodiáspórico desde Brasil, que nos ajudam a refletir sobre racismo. Para Oliveira (2020), professor com doutorado na área da Comunicação, o racismo é um fenômeno histórico de abrangência ampla e complexa por fazer parte de um sistema que inicia com a colonização do Brasil e se perpetua nos dias atuais. Esse fenômeno, além de não estar dissociado da cultura, da política e da ética, está conectado a uma série de instrumentos utilizados para garantir continuidade e manutenção de privilégios e hegemonia aos grupos dominantes (GROSGOUEL, 2016).

De acordo com Oliveira (2020), a matriz colonial do poder é o arranjo institucional do capitalismo periférico; é a base do racismo estrutural. Segundo este autor, o racismo normaliza determinadas tipologias de relações e estas são aderentes à sociedade de classes. Ou seja, as hierarquizações coloniais/escravagistas já estabelecem as determinações de lugares para brancos e negros, mesmo sem a explicitação legal do racismo.

A concepção de racismo estrutural se encaixa na perspectiva da luta pela hegemonia da concepção materialista de racismo. Não se trata apenas de uma outra dimensão da percepção do racismo – o racismo estrutural distinto do institucional e do individual/comportamental. Mas de entender que o racismo estrutural é conceber o racismo como produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas. Portanto, é na base material das sociedades que se devem buscar os fundamentos do racismo estrutural. (OLIVEIRA, 2020, p.67)

Ou seja, a colonialidade de poder se assemelha muito ao conceito de racismo estrutural postulado por Oliveira(2020). No entanto, quando se trata da produção de conhecimento, é importante ressaltar que a visão racista e sexista estão presentes no pensamento epistêmico global tornando um dos problemas mais importantes do mundo contemporâneo. As reflexões sobre os pensamentos Decolonial e Afrodiáspórico, bem como as noções de colonialidade do poder, racismo estrutural e privilégio epistêmico conduzem a segunda fase de uma pesquisa que resultou na produção do artigo *Relações*

raciais e comunicação: análise da produção intelectual da Intercom (1998-2021) (GUENA; ROSENDO DA SILVA, SANTOS, 2022). Este segundo artigo dá continuidade à análise da temática étnico-racial nos congressos nacionais da Intercom, que visa compreender a produção do conhecimento afrodiaspórico e a recorrência de temas como racismo, mulher negra e religiosidades nas edições do congresso.

Um outro ponto que consideramos relevante nessa pesquisa é tratarmos sobre racismo na Comunicação. Nosso posicionamento, a partir de pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisas Rhecados - Hierarquizações étnico-raciais, Comunicação e direitos humanos, é de que a comunicação, no caso a mídia hegemônica, se comporta como racista e por isso, precisamos implementar ações de enfrentamento dessa situação. Entre as pesquisas que apontam para essa realidade, vamos citar duas: a que fez a cobertura de quatro telejornais das emissoras brasileiras, Rede Globo, Cultura, Rede Band e Record sobre os assassinatos de George Floyd, 46 anos, e de João Alberto Freitas, 40 anos.

No primeiro caso, as matérias analisadas foram de 25 a 29 de março de 2020 e no segundo caso, de 19 a 21 de novembro de 2020. No caso do assassinato de Floyd analisamos 12 programas – de 27 a 29 de maio de 2020 - que totalizaram 11,51 minutos. Já na cobertura da morte de Ferreira, foram oito programas, dos dias 20 e 21 de novembro de 2020 e somaram 104 minutos. Nesta pesquisa identificamos a dificuldade das mídias em suitar o tema ou em escolher especialistas para tratar do assunto, entre outras questões.

Uma outra pesquisa foi sobre intolerância religiosa nos jornais O Diário da Região e A Notícia do Vale, de Juazeiro onde analisamos os discursos dos dois jornais sobre terreiros de Candomblé no município de Juazeiro/Ba, para identificar o tratamento dados por esses jornais a casos de violência e intolerância religiosas. Foram analisadas as edições semanais do jornal Diário da Região, no período de 1978 a 1990, quando vigorava a ditadura militar no Brasil, e de 2003 a 2014, no A Notícia do Vale, edições mensais, quando o país vivia em regime democrático.

Já no Diário da Região foram localizados cinco textos: um editorial, três notícias policiais e uma chamada de capa relacionados às religiões de matriz africana em um período de 12 anos, de 1978 a 1990. Algumas dessas matérias estão carregadas de

preconceito. Já no jornal *Notícia do Vale*, não foi localizada nenhuma matéria no período de 2003 até 2014. O último exemplo é de uma pesquisa desenvolvida entre os blogs das cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE sobre a cobertura de temas que envolvem cultura negra, religiões de matriz africana, raça e racismo, no período de 1º de julho de 2019 a 31 de dezembro de 2019. No total foram analisados 19 blogs, nove de Petrolina e 10 de Juazeiro.

Foram localizadas 235 matérias, sendo 113 em blogs de Juazeiro e 122 em Petrolina, analisamos uma amostra de 10%. A análise dos dados finais mostrou um descaso dos blogs em acompanhar as agendas cultural, política, e social das questões raciais de Juazeiro e Petrolina e o tratamento preconceituoso de temas religiosos de matriz africana. Quando recorremos à teoria da *Agenda Setting*, pudemos ampliar nossas observações sobre o não agendamento de alguns blogs em pautas relacionadas à população negra. Sendo assim ressalta a invisibilidade, o silenciamento ou as notícias com conteúdo racista são opções editoriais de alguns veículos de comunicação das duas cidades.

Diante dessa recorrência formulamos a proposta de Expulsão orientada do racismo estrutural da comunicação que, de forma breve, consiste de uma mudança de lugar de fala, saída do lugar da denúncia “em direção a alternativas conceituais e práticas dentro do campo comunicacional que desmontem ou abalem o *modus operandi* que perpetua o racismo dentro das rotinas gerenciais e, também, epistêmicas que pensam e produzem os meios de Comunicação (GUENA e SANTOS, 2021, P.4).

Essas ações a favor de uma comunicação antirracista já foram propostas via Movimento Negro Brasileiro, como por exemplo, por meio do Estatuto da Igualdade Racial (2010) e do documento final da 1ª Conferência Nacional de Comunicação (2009); pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC) e o Intervozes - Coletivo Brasil de Comunicação Social.

Metodologias

Bardin (1979) ensina que a Análise de Conteúdo, se dá a partir de etapas como o levantamento dos dados, a pré-análise, a exploração do material e, por fim, o tratamento dos dados, como inferências e interpretações dos dados. Já o Mapeamento Sistemático (MS), para Falbo (sem ano) contribui na localização, identificação e classificação de um tópico pré-definido.

Falbo (S/D) explica que o MS permite um tipo de varredura de estudos primários existentes sobre uma determinada temática, e seleção das palavras chaves para essa varredura que nos devolve os materiais disponíveis, on line, sobre a temática. Assim, e segundo Falbo (S/D) este tipo de mapeamento permite uma visão total de um determinado tema.

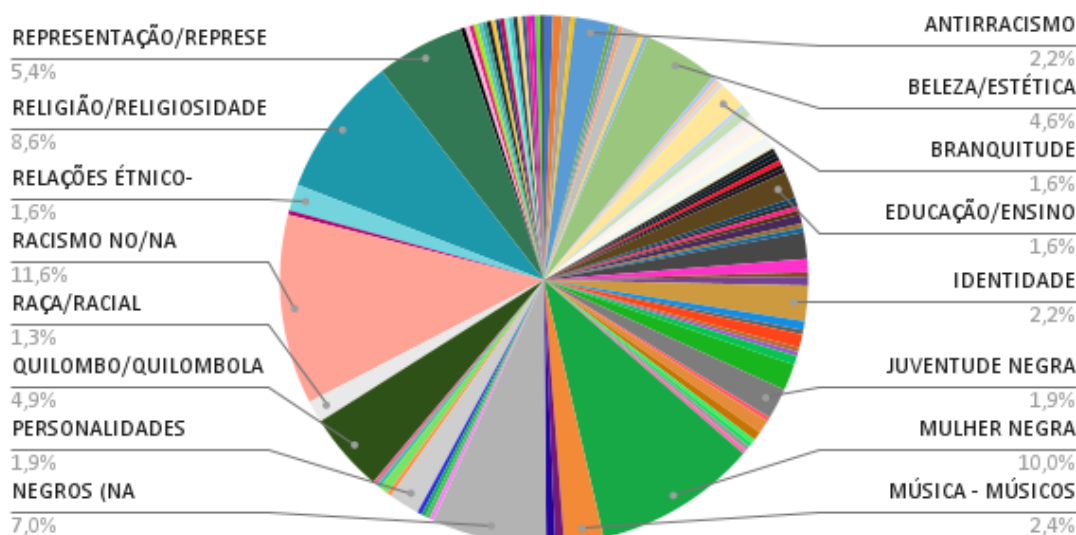
Nessa pesquisa, mantivemos o mesmo grupo de palavras-chaves dos outros estudos já desenvolvidos para a coleta dos artigos: *raça; racismo; relações raciais; questão racial; negro; negros; negra; negras; antirracismo; antirracista; desigualdade racial; interseccionalidade; empoderamento negro; afrofuturismo; racismo estrutural; umbanda; orixás; quilombola; quilombo; étnica; capoeira; afro-brasileiro; afro-brasileira; afro-brasileiro; afro-brasileira; branquitude; racialidade; africanismo; ancestralidade; preconceito; étnico-racial; negritude; black lives matter; comunidades tradicionais; afroconsumo; afrofuturismo; escravos; escravizados; preto; pretos; preta, pretas, religiões de matriz africana, intolerância religiosa, etnomídia, candomblé, abolicionista e terreiro.*

Não podemos deixar de citar que a Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – criada em 1977, em plena Ditadura Militar - somente em 2022, 45 anos depois da sua criação, fundou o GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico que está centralizando os trabalhos sobre questões raciais, não apenas com recorte de denúncia e da resistência mas, principalmente na produção de conhecimento com uma intenção de reposicionamento epistemológico.

Dados apurados

No período de 1998 a 2022, foram localizados 392 artigos que fazem referência a alguma temática racial. Na Análise de Conteúdo dos títulos e resumos de cada artigo chegamos então a 110 subtemas, resultado do agrupamento de alguns assuntos. Assim, chegamos ao seguinte gráfico:

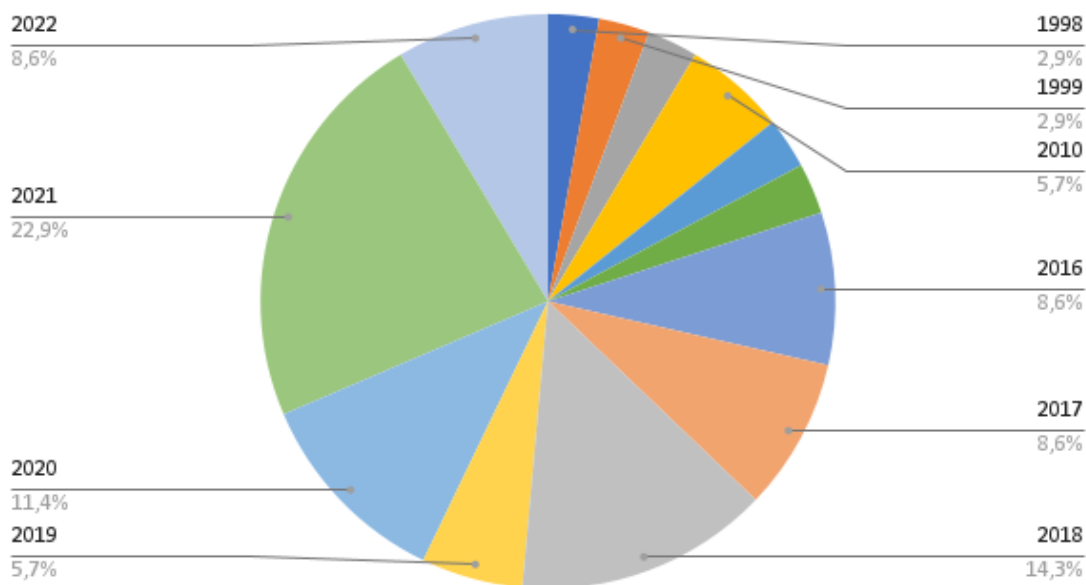
Temáticas étnico-raciais presentes na Intercom (1998-2022)



Fonte: Dados elaborados pelas autoras da pesquisa

O tema mais discutido no período 24 anos, é “racismo”, com 10,6% das incidências, com 43 ocorrências. Aliás, ele aparece na maioria das discussões. Porém, esta categoria específica se refere aos artigos onde o “racismo” é o tema central. O segundo tema, mais frequente, foi “mulher negra”, com 10% das ocorrências, totalizando 37 artigos; e o terceiro, religiosidade, com 8,6% e 32 artigos. Abaixo a distribuição anual:

Artigos sobre mulheres negras na Intercom (1998-2022)



Fonte: Dados apurados pelas autoras da pesquisa pesquisa

Já os anos de maior apresentação de artigos sobre mulheres negras no Intercom foram:

**TABELA 1 - ANOS DE MAIOR QUANTIDADE DE ARTIGOS SOBRE M
NEGRA NO INTERCOM**

ANO	QUANTIDADE
2021	22,9%
2018	14,3%
2020	11,4%
2017	8,6%
2016	8,6%
2022	8,6%
2010	5,7 %

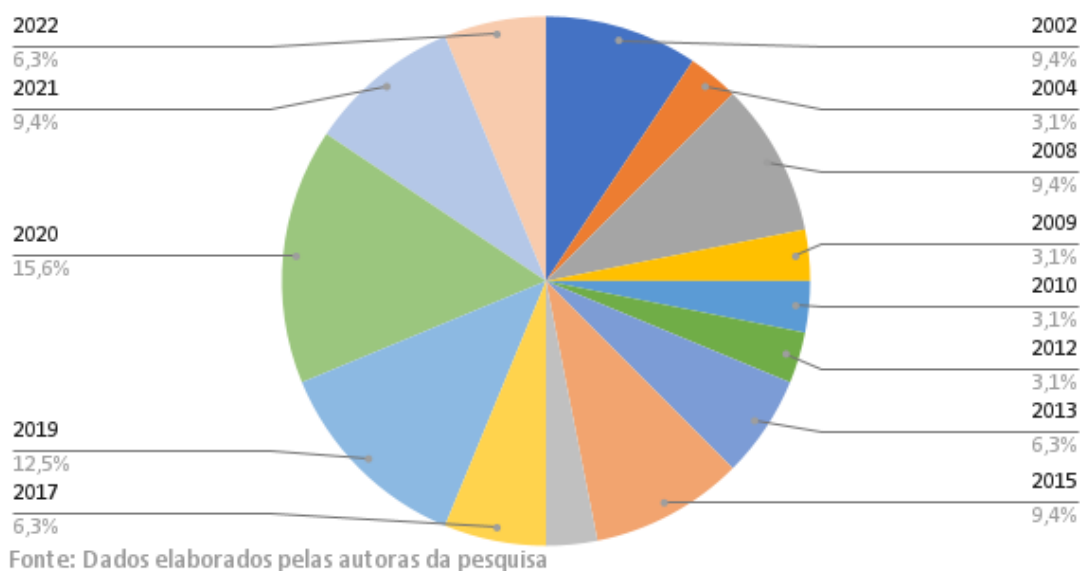
Fonte: Dados elaborados pelas autoras da pesquisa

Chama a atenção para esse tema já que fontes oficiais como IBGE (Instituto Brasileiro e Geográfico) e IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e pesquisas acadêmicas, dissertações e teses, têm apontado para o descaso, principalmente da mídia, às narrativas das mulheres negras, grupo que desponta como um dos mais excluídos

O ano de 2021 foi que recebeu o maior número de textos, um dado curioso, pois o Congresso da Intercom ocorreu virtualmente, em função da pandemia de Coronavírus/ Covid-19. Isso aponta para algo que os Grupos de Pesquisa já reivindicavam junto à instituição: a necessidade de realização de congressos híbridos, que possibilitem a maior participação de estudantes e profissionais, já que, em um país onde as distâncias são muito grandes e as passagens aéreas caras, muitos pesquisadores, não conseguem comparecer a congressos. No fechamento deste artigo, os resumos para o congresso de 2023 já haviam sido enviados. Nos surpreendeu, mais uma vez, a quantidade recebida: 98 resumos expandidos. Vale ressaltar que o formato híbrido do Congresso, facilitou a participação, porém apenas 37 foram enviados para apresentação remota e o 62 para o presencial, ultrapassando muito os 37 do ano anterior. O que aponta, mais uma vez, para a compreensão de que esta era uma temática represada.

O terceiro tema de maior ocorrência foi “religião/religiosidade”, com 8,6% das ocorrências, com um total de 32 artigos.

Religião/religiosidade negras na Intercom (1998 a 2022)



Nota-se uma predominância da incidência no ano de 2020 de artigos sobre religiosidade, segundo tabela abaixo:

TABELA 2 - ANOS DE MAIOR QUANTIDADE DE ARTIGOS SOBRE RELIGIÃO/RELIGIOSIDADE NA INTERCOM

ANO	QUANTIDADE
2020	15,6%
2019	12,5%
2015	9,4%
2008	9,4%
2002	9,4%
2013	6,3%

FONTE: Dados apurados pela pesquisa

Considerações finais

A pesquisa trouxe elementos que sugerem a continuidade das investigações. Um deles diz respeito ao grande número de subitens temáticos, 110, que enseja um novo olhar que agregue mais semelhanças. Ou seja, consideramos a necessidade de uma nova estruturação da identificação desse ponto.

Por outro lado, nos causou surpresa a ordem dos subitens mais pesquisados. O motivo dessa surpresa é em decorrência de outras pesquisas apontarem para o fato de o racismo se intensificar no ambiente escolar e contra pessoas de religiões de matriz africana. Os dois últimos subtemas aparecem de forma preponderante nas preferências das/dos pesquisadoras/es.

Pretendemos desenvolver novas pesquisas sobre os dados apurados até aqui, por exemplo, para identificarmos se não o gênero e raça, dessas/as intelectuais, pelo menos, o gênero, de quem estuda os temas racismo, mulheres negras e religiosidade. Justamente os segmentos de maiores exclusões, mulheres negras e religiões de matriz africana são as que sobressaíram nessa pesquisa. Por isso, encerramos esse trabalho, nos apropriando do título de um artigo de Lélia Gonzalez: "O lixo vai falar, e numa boa!"

Referencial

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. In: Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/?lang=pt>>. Acesso em: 01 Jul. 2023.

BARDIN, Laurence. BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Portugal, Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOQUEL, Ramon; MALDONADO-TORRES, Nelson. **Introdução: pensamento afrodiáspórico**. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOQUEL, R. (org.). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. São Paulo: Editora Boitempo, 2019, p. 255-289.

D'ANDREA, Tiaraju. **Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos**. Disponível em: 2020. <https://www.scielo.br/j/nec/a/whJqBpqmD6Zx6BY54mMjqXO/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 03 Jul. 2023.

FALBO, Ricardo de Almeida. **Mapeamento Sistemático**. Disponível em: <http://claudiaboeres.pbworks.com/w/file/fetch/133747116/Mapeamento%20Sistem%C3%A1tico%20-%20v1.0.pdf>. Acesso em: 03 Jul. 2023.

GROSGOUEL, R. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Soc.estado. [online]. 2016, vol.31, n.1, pp.25-49. ISSN 0102-6992. Disponível em :<http://dx.doi.org/10.1590/S0102_69922016000100003>. Acesso em: 01 Jul 2023.

GROSGOUEL, Ramón. **Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada**. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (org.). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

GUENA, Marcia., SANTOS, Céres. ROSENDO DA SILVA, Andrea. (2022). **Relações raciais e comunicação: análise da produção intelectual da Intercom em 22 anos**. João Pessoa: Intercom, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0809202210143262f25db852a6b>. Acesso em: 01 Jul 2023.

LIMA, Ruth, OLIVERA, Vitória; SILVA, Victoria, SANTOS, Márcia Guena dos, SANTOS, Céres. **Blogs de Petrolina e Juazeiro e o tratamento de pautas raciais, 2021. Revista ComSertões**. Disponível em: [file:///C:/Users/Ceres/Downloads/ggomes,+10ComSertoenovoblogs+de+petrolina+e+juazeiro%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Ceres/Downloads/ggomes,+10ComSertoenovoblogs+de+petrolina+e+juazeiro%20(4).pdf). Acesso em: 14 ago 2023.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica**. 1. ed. -- São Paulo: Editora Dandara, 2020.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade, Poder, Globalização e Democracia**. *Revista Novos Rumos*. v.17, n.37, 2012, pp. 04-28